

## Editorial

A caatinga enquanto floresta, bioma na sua complexidade, mistério e poesia traz em si desafios, gentes, sentimentos e sabedorias. Passamos pela caatinga nos períodos de estiagem, a vegetação seca, vem logo na memória a representação: a caatinga tá “feia”, e imediatamente nosso inconsciente associa as imagens do litoral de plantas altas, verdes e “bonitas”. A caatinga seca tem outra beleza, tem as florestas com suas gentes, culturas, modos de vida, bichos grandes, pequenos, microscópicos, riachos, rios e suas vidas aquáticas, cactáceas. Têm sabedorias, ciências, solidariedade, sentimentos, resistências, persistências, poesias, danças, vidas! Passamos na caatinga acinzentada pela seca, enverdejada pela chuva, colorida pela sua sociobiodiversidade, florida pelos cultivos de sua gente. Estiada, seca ou úmida a caatinga tem suas belezas inconfundíveis, incomparáveis, pois ela é única, às vezes isolada e ao mesmo tempo global. Em sua milenar sabedoria na estiagem solta as folhas das árvores, retendo água nos troncos e raízes para guardar e preservar a vida. A OPARÁ talvez na sua essência guarde a sabedoria das plantas, dos animais, dos bens naturais e das gentes catingueiras.

Na sua trajetória, o Centro de Pesquisas em Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação – OPARÁ/UNEB, *campus* de Paulo Afonso, há muito tempo junta pessoas, almas, corpos, ações, escritas e falas para produzir novas ações e novas gentes. Desde 2008, desenvolve atividades na perspectiva de fortalecer e incentivar a Pesquisa, a Extensão, a Formação continuada e dinâmica das Comunidades, Povos Tradicionais e Movimentos Sociais valorizando as lutas do povo, contribuindo para o fortalecimento em relação à afirmação, conhecimento, valorização dos costumes e saberes tradicionais, a sustentabilidade, a conservação de patrimônios culturais materiais e imateriais, além dos patrimônios naturais que compõem as paisagens da região.

Passando por um leve silêncio, agora produz na linguagem escrita um pouco da alma revelada das pessoas que circulam seu espírito, de um fazer acadêmico que já superou em muito a falsa dicotomia entre seca/beleza, corpo/alma, campo/cidade, masculino/feminino, conhecimento popular-tradicional/científico, ciência e militância. A OPARÁ tem sua beleza na gestação, no esforço contínuo e espontâneo das pessoas que ainda sonham e projetam, não um mundo pronto, coisificado, mas um mundo fruto permanente da ação ou das omissões humanas. Um mundo cheio de possibilidades. A revista é uma possibilidade. Uma realidade.

O povo do sertão de modo geral foi sempre concebido como perigoso, fanático, incapaz, avesso à modernidade... A OPARÁ problematiza e se emana com outras escritas, que não reivindicam o simplismo e nem a superioridade do conhecimento para afirmar sua existência. Ela se traduz em um mistério que caminha livremente entre o popular, o científico, entre gentes que ao pisar na complexidade dos biomas humanos, entendem que os mistérios das chuvas e das secas fazem parte do mesmo processo, da mesma paisagem. A revista a depender do olhar de quem vê poderá brotar amor, escrita, luta e poesia. Talvez seja o rio como natureza e produto da ação humana que está dentro das falas dos nossos antepassados, que sabiamente expressavam que ele corre livremente para o mar e os riachos de nossas inquietações.

**DORIVAL PEREIRA OLIVEIRA**

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DE PAULO AFONSO – BAHIA – CAMPUS VIII